



NILO RUSCHEL: PIONEIRO DO RÁDIO GAÚCHO

Adriana Ruschel Duval

Unisinos – São Leopoldo, RS

A população do Rio Grande do Sul era de quase dois milhões e oitocentas mil pessoas, num ano em que o Brasil contava pouco mais de 37 milhões de habitantes - 70 por cento deles residiam no campo. O estado ainda comemorava o título de “Miss Universo” conquistado por Yolanda Pereira. Os gaúchos festejavam a vitória da revolução que abriu a década de 30 com o conterrâneo Getúlio Dornelles Vargas no poder supremo da nação. Era 1931 quando um filho da cidade de Estrela – no Vale do Taquari –, um jovem aluno da Faculdade de Direito de Porto Alegre, impostou, pela primeira vez, sua voz de *speaker* ao microfone da emissora pioneira da Capital¹. Aos 20 anos de idade, Nilo Ruschel passava a integrar o *cast* da Rádio Sociedade Gaúcha, fundada em 1927.

O ingresso no meio radiofônico, que engatinhava naquele tempo com apenas duas emissoras no Estado, aconteceu como um golpe do destino. Nilo fora demitido da companhia telefônica, onde trabalhava, devido à intransigência de seu patrão, que se negava a conceder uma certa flexibilidade nos horários, para que o rapaz fizesse o curso superior. De pronto seu irmão Ernani, recém contratado como locutor da rádio apelidada de “A Voz dos Pampas”, convidou-o para dividir a “latinha”.

“- Vamos fazer uma coisa [disse Ernani], eu estou com muito serviço, (...) fazendo o horário do meio-dia e o da noite no microfone. E tem os clientes para trabalhar na rua, (...) uma boa clientela, eu não tenho tempo pra isso. Então faz o horário do meio-dia às duas e eu faço a noite. E te dou dois ou três clientes meus para tu te iniciares na publicidade”. E com isso, com duzentos mil réis que ele me dava do ordenado dele, e mais dois ou três clientes, eu comecei a trabalhar no rádio e a fazer a profissionalização, porque estava nascendo, então, a publicidade pelo rádio².

¹ Considerando-se a primeira emissora a operar regularmente, e não de maneira experimental.

² 2001. Porto Alegre: Rádio Guaíba AM, setembro de 1972 (programa de rádio).



Foi o início de uma vida repleta de iniciativas em prol da radiodifusão. Nos primeiros tempos, ao sabor do improviso, os irmãos exerciam o papel de produtores, publicitários e locutores. “Agenciavam reclames”, para assegurar a sobrevivência da estação e aumentar os ganhos mensais, passando por situações nem sempre agradáveis. Era comum as lojas colocarem no balcão uma intimidadora placa de advertência: “não damos anúncios”. A publicidade ainda era vista sob os olhares desconfiados do comércio que, aos poucos, descobria o potencial do novo meio de comunicação. A partir do decreto-lei 21.111, de 1932 – que regulamentava a veiculação de anúncios – o rádio ganhou contornos comerciais mais definidos, obtendo outras fontes de renda que não as contribuições mensais dos “sócios” dos primeiros tempos.

Naquele ano de 1932 houve a primeira transmissão da Rádio Gaúcha fora da capital. Nilo e Ernani rumaram em direção à primeira edição da Festa da Uva, em Caxias do Sul. Lá estariam sendo esperados por dois ou três agenciadores de publicidade do local, com cujas verbas viabilizariam a irradiação pioneira. Os irmãos chegaram na cidade e encontraram os supostos agenciadores sob o efeito do vinho abundante, sem nenhum patrocínio, muito menos os textos publicitários prontos.

Tivemos que (...) correr o comércio, rapidamente, para ao menos conseguir três ou quatro anunciantes que dessem, assim, um pouco de apoio àquela iniciativa arrojada (...). E com a demora do interventor [interventor federal/RS – Gen. José Antônio Flores da Cunha], que teria que inaugurar a exposição, ficamos nós dois no palanque oficial, falando para a massa, que pela primeira vez enfrentava um microfone, via aquela coisa estranha de dois camaradas diante de um aparelho para falar. Tinham alto-falantes ligados (...) e nós ficamos duas horas falando sobre já nem sei mais o quê, não sei que assunto nós pudemos desenrolar naquele espaço demoradíssimo, porque os minutos custavam por demais a passar, e não tínhamos material de leitura na mão. Era tudo improvisação, porque os textos, tão esperados, os patrocinadores, com seus programas redigidos, nada disso apareceu³.

Tempos pioneiros em que ainda se ouvia rádio de “galena”, equipamentos domésticos que, guardadas as proporções, lembram os atuais “walkmen”, permitindo uma escuta individual. “Baseada em cristais captadores de ondas de galena (sulfato de chumbo) ou carborundo (silicato de carbono), com antenas precárias e fones de ouvido individuais, a

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Sonora**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



escuta pelos ouvintes era uma dificuldade a mais”, de acordo com José Geraldo Vinci de Moraes, em seu livro sobre história, cultura e música popular nos anos 30, em São Paulo⁴. O autor explica que, devido a baixa sensibilidade dos aparelhos, o pleno funcionamento da “engenhoca” acontecia quando a estação se localizava nas proximidades ou possuía potência significativa. A situação melhorou em meados dos anos 30, com o aprimoramento dos receptores a válvulas e o barateamento do custo, a partir da produção local dos rádios.

Desafios também eram enfrentados pelas emissoras que desbravaram as ondas pioneiras. Interrupções na transmissão, intervalos entre as irradiações, programações nem sempre cumpridas a risca, defeitos nos equipamentos e falta de profissionalismo do quadro de colaboradores, para os quais um atraso em chegar na estação não significava, necessariamente, um grave problema. Para Ernani Ruschel, a Gaúcha não ficava para trás, em termos de instalações – tinha um pequeno estúdio, com boas cortinas, vitrola e piano; recebia artistas e orquestras⁵.

Inovação, jogo-de-cintura, improvisação eram palavras constantes no dia-a-dia de Nilo e Ernani. Na Gaúcha, criaram programas diferentes, como o *Audição Infantil*, apresentado pela irmã deles, Ruth Natália, de 14 anos, de 1932 a 1934⁶. A menina interpretava uma personagem, a “Tia Euphrásia”, uma preta velha que contava histórias às crianças. O programa cativava até mesmo adultos ilustres, como os escritores Athos Damasceno Ferreira e Erico Verissimo. Foi nessa emissora, ainda, que Ernani fez a primeira transmissão radiofônica de uma partida de futebol do Estado – Grêmio x Paraná –, em 19 de novembro de 1931⁷. O detalhe é que o narrador estreante não conhecia o esporte e os times a ponto de descrever os lances. A sorte foi poder contar com o comentarista Ary Lund, que falava ao ouvido de Ernani o que acontecia em campo.

Também na Gaúcha trabalhou outro irmão, Alberto, que mais tarde viria a ser galã de cinema, se consagrando a partir do filme *O Cangaceiro*, de Lima Barreto. O jovem Alberto, magro e alto, na sede da Gaúcha no bairro Moinhos de Vento, seria assediado ainda no início dos anos 30 pelas fãs, quando era programador da rádio. Nilo contou que as meninas, saindo

³ Idem.

⁴ MORAES, José Geraldo Vinci de. *Metrópole em sinfonia: história, cultura e música popular na São Paulo dos anos 30*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 52.

⁵ 2001. Porto Alegre: Rádio Guaíba, setembro de 1972 (programa de rádio).

⁶ FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40)*. Canoas: Ed. da Ulbra, 2002, p. 94.

⁷ Idem.



do Colégio Bom Conselho, a algumas quadras da rádio, freqüentavam a pequena sala onde ficava Alberto, causando quase um “tumulto”, de tanto que cercavam o rapaz. Mais um irmão seguiria o mundo artístico: Paulo foi escultor e compositor, autor de *Os homens de preto*, uma de suas mais conhecidas criações.

O rádio ia mudando, as empresas radiofônicas aprendendo a dança dos cifrões. O caráter comercial trouxe a concorrência entre as estações. Um exemplo disso vivido por Nilo resultou no aparecimento da segunda emissora de Porto Alegre. Em uma noite chuvosa, que inviabilizava a boa captação das ondas “hermanas” – era usual a sintonia de emissoras uruguaias e argentinas –, o locutor recebeu um telefonema de um anunciante: queria “carregar” na propaganda, estando a Gaúcha na condição de única emissora sintonizada. Nilo explicou ao cliente as regras relativas à publicidade e, diante da insistência do sujeito, tentou persuadir o diretor da emissora a abrir mais espaço ao proprietário da Casa Coates, importante estabelecimento comercial de então. A negativa do chefe, que alegava ser proibido aumentar a propaganda sem a solicitação tramitar na direção da empresa, provocou a iniciativa do frustrado anunciante. “Eu sei o que é que vocês estão precisando! Vocês estão precisando de uma emissora concorrente, para acabar com esse monopólio! Pois eu vou botar a minha própria estação de rádio!”, teria afirmado Arthur Pizzoli ao telefone. E foi assim que nasceu a Rádio Difusora Porto-Alegrense, em 1934⁸. Logo os irmãos Nilo e Ernani foram convidados a integrar o *cast* da nova estação, devido a desentendimento com a Gaúcha, que queria reduzir o percentual dos agenciadores sobre a verba publicitária.

Em meados da década de 30, o país assistia à radiodifusão se expandindo, com emissoras surgindo nas capitais e interior dos estados. A programação das rádios se diversificou, e passou a mesclar irradiações de cunho artístico com quadros de humor, teatro, esporte, notícias. Com a Rádio Sociedade Gaúcha não foi diferente.

Os irmãos Nilo e Ernani lembravam que, nos tempos pioneiros, era comum a transmissão de recitais e óperas. O canto lírico possuía grande força no Estado, sendo Porto Alegre e Pelotas – cidade que teve a primeira emissora gaúcha a operar regulamentemente, a Rádio Pelotense, em 1925 –, os destinos mais freqüentes, muitos dos artistas estendendo a turnê aos países vizinhos, em especial à capital argentina.

⁸ Informações obtidas a partir de depoimento de Nilo Ruschel ao programa *2001*. Porto Alegre: Rádio Guaíba AM, setembro de 1972 (programa de rádio).



Uma dessas viagens foi realizada por Carmen Miranda, artista de enorme prestígio e estrondoso sucesso no Brasil dos anos 30⁹. Durante o governo Vargas, a artista fez turnês pelo Brasil e exterior, levando aos espectadores e ouvintes o que se considerava um legítimo exemplo da “música popular brasileira”. Carmen Miranda foi representante dos valores brasileiros – e até mesmo sul-americanos! – no próprio país, na Argentina e no Uruguai e nos Estados Unidos – para onde partiu, em 1939, em direção a uma trajetória de esplendor na América do Norte dos anos 40.

Dessa forma, em 1935, Carmen fez escala em Porto Alegre, a bordo de um hidroavião da Panair, em vôo do Rio de Janeiro a Buenos Aires. Naquele ano, o Brasil possuía sete empresas aéreas e um total de 59 aeronaves¹⁰. Desde 1927 – ano de fundação da Rádio Sociedade Gaúcha, existia a Viação Aérea Rio-grandense, a Varig. Os Ruschel aproveitaram, então, a inédita oportunidade de encontrar a famosa cantora e atriz. E romperam barreiras para contatá-la, conforme Nilo.

(...) Eu até cometi uma imprudência, (...) entrei para dentro do avião, depois que eu vi que era proibido(...). Não tinha policiamento nem coisa nenhuma. E notei que ela estava muito mareada(...), o avião tinha jogado demais, e ela estava muito adoentada, mesmo. Então, o que fizemos: eu dei a mão, trouxe-a para fora, e disse: “- Vamos no carro do meu irmão [Ernani] para o hotel direto”. Meu irmão estava com a “baratinha” dele ali por perto. E a turma da Gaúcha e a da Farrroupilha, que estava ali à espera, foi burlada porque nós raptamos praticamente a Carmen Miranda, colocamos no auto do Ernani, e fomos para o Grande Hotel.

Durante o trajeto, Nilo falou que “tinha” uma emissora de rádio, que estava começando no dial, e gostaria muito que Carmen fizesse um programa para dar prestígio à estação. A “Pequena Notável” prontamente concordou, e os irmãos Ruschel saíram em busca de patrocínio para o cachê da artista.

E assim foi feito: Carmen Miranda cantou. Cantou e foi um sucesso tremendo. O povo, a multidão, pôs abaixo a enorme porta da Rádio Difusora, na [Rua] Siqueira Campos, uma dessas portas de carvalho, imensas, grandes, altas. Tamanho o entusiasmo, a sofreguidão com que o povo queria ficar perto da famosa atriz, que arrebentaram, puseram abaixo os dois tampos da porta, e invadiram, subiram aos magotes, às tropelias aquela escadaria toda e chegaram lá em cima para assistir ao programa da Carmen Miranda.

⁹ Sobre o assunto escrevi minha dissertação de Mestrado em Comunicação Social: *Pequenos Notáveis – Rádio e Carmen Miranda no Brasil*. Porto Alegre: PUCRS, 1999.

¹⁰ *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, 1980-1982.

Havia alto-falantes pela sala – como contou Nilo, “com os fios, naturalmente, improvisados pelo chão”. Carmen Miranda cantava no estúdio e do lado de fora as pessoas ouviam. No entanto, algum imprudente pisou sobre os fios, provocando um circuito, que acabou por tirar do ar a emissora. Resultado: a audição especial foi privilégio dos poucos que estavam no “aquário”. Ficou acertado que, na volta de Buenos Aires, Carmen se apresentaria novamente na Difusora. E assim foi feito: ela voltou, cantou na Difusora, e recebeu em troca todo o produto da publicidade. Nilo narrou a reação do proprietário da emissora diante do generoso cachê: “- Como é, hein, e a Difusora, e para mim, o que sobra? Moscas?” E o radialista respondeu: “- Moscas não, prestígio! Cantou aqui Carmen Miranda!”¹¹. E a Difusora caiu no gosto popular.

Na emissora, Nilo fazia ainda crônicas diárias, em 1936, intituladas de “Cidade Sorriso”, apelido que criou para Porto Alegre, revelando seu amor pela terra que o acolheu ainda criança. Até os dias atuais, há referências a ele quanto ao carinhoso apelido dado à capital gaúcha.

Naquele ano de 1936, Nilo Ruschel retornou à Gaúcha, quando convidado para ocupar o cargo de diretor artístico, desta vez não mais acompanhado pelo irmão Ernani, que seguiria outros rumos além do rádio. E os desafios não foram poucos. A “Vovó”, como era chamada na época em que Gaúcha, Difusora e Farroupilha conviviam – ou concorriam – em Porto Alegre, sofria restrições de ordem financeira, devido ao numeroso e, de acordo com o radialista, pouco selecionado *cast*, além dos contratos muito extensos de artistas nem sempre apreciados pelo público.

As outras emissoras, mais agressivas – as mais novas –, tinham mais recursos financeiros, vinham importando os nomes mais populares da música brasileira, do Rio e de São Paulo, e provocando, então, um movimento muito intenso de programação, muita vivacidade, muita movimentação. E isso foi deixando a Gaúcha para trás. Ela foi marcando o passo. E a liderança passou a ser disputada, então, entre Difusora e Farroupilha¹².

Nilo utilizou-se de vários recursos para reverter o triste quadro da rádio pioneira. Acostumado com o improvisado dos primeiros tempos, inovou, inventou, ousou. Investiu em

¹¹ 2001. Op. cit.

¹² Idem.

programas diferenciados, imprimiu à programação a marca da cultura, da arte, do povo do Rio Grande. Um dos programas que ganhou destaque nos jornais da época foi o “Dia do Colono”, irradiado durante três horas da noite de domingo, 25 de julho de 1937.

(...) a mais interessante e original de todas as noites radiophônicas de que se tem lembrança na história do “broadcasting” riograndense. Uma inteligência moça, um director artístico moderníssimo, e, como resultado: uma orientação cheia de actualidade. Nilo Ruschel é, indiscutivelmente, um grande director artístico. (...) Hoje lá está Nilo Ruschel, com toda a independência realizando os seus planos maravilhosos e... “dentro da maior economia possível”¹³.

O comentarista – assinado “Sheriff” –, da Folha da Tarde, se referia a um programa especial que transformou o estúdio em um cenário típico da colônia alemã no Estado, com o desfile pelos microfones dos tipos e costumes relacionados à etnia. “Um *kerb* authentic”, acrescentou o referido artigo.

“Planos maravilhosos” e “dentro da maior economia possível” incluíram outras iniciativas igualmente dignas de destaque. Nilo Ruschel, que sempre teve predileção pela reportagem, deu início aos programas desse gênero no rádio gaúcho. “Ruas da Cidade”, “Bairros em Revista” e “Cidades do Interior” foram uma série transmitida pela emissora no ano de 1937. A voz do *speaker* Ruy Figueira – que mais tarde seria locutor do Repórter Esso na Rádio Farroupilha –, interpretava os textos poéticos de Nilo, feitos a partir das impressões e dados colhidos, *in loco*, pelo repórter Josino Campos – pseudônimo de Isaac Axelrud. Outro locutor da referida série de programas foi Nero Leal.

(...) Queria que ele [Josino] me trouxesse para o microfone o espírito das ruas, de cada uma das ruas de Porto Alegre. (...) Cada uma tinha aspectos diferentes, pitorescos, com suas vozes, com seus pregões, com seus rumores característicos e eu traduzia tudo isso dentro de um programa de rádio, que no fundo era uma reportagem. E esse programa ficou muito, de grande audiência, e foi muito apreciado pelo público de Porto Alegre. E, em seguimento, eu dei começo a outro programa, (...) “Bairros em Revista”. O que eu fazia com as ruas eu fazia também com os bairros, e mais tarde, com as cidades do interior [programa “Cidades do Interior”].

A sensibilidade de Nilo transparecia no *script* radiofônico. Ele, que já havia escrito o livro de poemas *Canções de Luz e Sombra*¹⁴, colocava no papel uma espécie de visão

¹³ *Respingos...* Porto Alegre: Folha da Tarde, 26/07/1937.

¹⁴ RUSCHEL, Nilo. *Canções de luz e sombra*. Porto Alegre, 1935.



romântica dos cenários descritos. Traduzia, em frases e trilhas sonoras, o ambiente em mutação no panorama nacional do Brasil da segunda metade dos anos 30. O processo de urbanização, a ênfase na modernização – era o “progresso” chegando às principais cidades e alternando a rotina dos habitantes. Os roteiros dos programas citados constituem, hoje, um precioso registro do imaginário daquela época, a partir do rádio – veículo de grande penetração na sociedade de então.

A feição urbana da rua é quasi uniforme. As casas altas imperam magestosamente. Contraste humilhante de uns poucos prédios baixos. A menor de todas elas fica na subida. Quasi asfiziada. Quasi do tamanho de um receptor. Casualmente é uma casa que vende radios e que derrama, vigorosamente, para a rua a potencia do seu aparelho em exposição. A musica jorra pelas calçadas¹⁵.

Ruy Figueira havia sido descoberto locutor por Nilo, que se impressionara com o potencial da voz daquele menino, aluno do Colégio Militar de Porto Alegre. Naquela época, outra figura que conviveu com Ruschel na Gaúcha foi Manoel Braga Gastal, que ocupava o cargo de discotecário quando Nilo retornara à emissora. Logo foi chamado para ser locutor – e, em seguida comentarista – na terceira rádio da capital gaúcha, a Farroupilha, fundada no centenário da revolução de mesmo nome, em 1935. Havia também um garoto que, timidamente, mostrou a Nilo algumas crônicas de sua autoria. “Judiei-o algum tempo até dar-lhe o microfone”, confessou o radialista¹⁶. Tratava-se de Alberto André, um dos expoentes da imprensa gaúcha.

A inventividade de Nilo não tinha limites. Certa vez, ainda no intuito de fazer a Gaúcha “ressurgir” na preferência popular, uma “brincadeira” sua virou manchete de jornal. Antes mesmo da façanha do célebre rádio-teatro “A Guerra dos Mundos” (Estados Unidos: Columbia Broadcasting System, 1938, sob o comando de Orson Welles), o diretor artístico aprontou uma traquinagem: simulou uma transmissão entre Hollywood e Porto Alegre. “(...) Não havia o menor recurso técnico naquele tempo para uma coisa dessa grandeza. Uma transmissão especial, com os maiores artistas cantando e falando para Porto Alegre”, explicou Nilo em depoimento ao jornalista Flávio Alcaraz Gomes¹⁷. A “armação” teve como voz principal, na figura do condutor da inédita irradiação, um rapaz húngaro, que havia sido

¹⁵ Trecho de *Ruas da Cidade*, sobre a rua Dr. Flores. Porto Alegre: Rádio Gaúcha, 09/11/1937 (programa de rádio)

¹⁶ RUSCHEL, Nilo. *Rua da Praia*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1971, p. 294.

selecionado em um dos concursos de cantores realizados por Nilo na Gaúcha. Tommy Roberts, dono de uma bela voz, se ensaiava na música americana, mas entendia pouco do idioma. Sua função seria falar “direto” dos Estados Unidos para o Brasil, apresentando os artistas que iam desfilar diante daquele espetáculo especial feito pela Rádio Gaúcha de Porto Alegre.

Imaginem vocês que atrevimento! (...) Os atores lá eram Ginger Rogers, (...)Bing Crosby, (...) Paul Robinson e assim por diante. (...) Eu precisava de um outro, de um enviado especial nosso a Hollywood e (...) selecionei o nosso cronista de cinema, que era o Jacob Kurtz, o pseudônimo dele no rádio era Plínio Moraes. Então, fiz um script imenso – imagina o que era um script para um programa movimentadíssimo como este, tudo na base do disco. (...) Em certo momento, quando ele [Plínio Moraes] chegava lá, (...) tinha que me “passar o som” para cá e usar aquela expressão tão corriqueira entre os radioamadores quando falam um com o outro –“Câmbio, câmbio, câmbio, cambiei”. E eu botei câmbio no script, escrevi direitinho. Acontece que, na afobação, ele não lê câmbio, ele lê “canúbio, canúbio, canúbio” – e ficou o apelido dele de “Canúbio” por muito tempo¹⁸.

A transmissão continuava com Tommy Roberts falando inglês, “direto” dos Estados Unidos – um inglês “meio macarrônico”, conforme Nilo, mas com boa pronúncia. A operação ficou a cargo do próprio diretor técnico da emissora, engenheiro Gabriel Portela Fagundes, que fez uso de uma enorme pilha de discos, trocando a toda hora, colocando no ar cantores e efeitos sonoros.

E foi tal a sua eficiência e precisão e tal o conteúdo emotivo da nova transmissão que os ouvintes (...) iam para o telefone, a toda hora, e gaguejavam, não sabiam o que estava acontecendo, surpresos com aquela coisa espetacular. Imagine os concorrentes (...)! Ouviam Paul Robinson, cantando para Porto Alegre, ouviam Bing Crosby, cantando para Porto Alegre. (...) Fiquei muito encabulado foi no dia seguinte. Quando abro a Folha e salta aos meus olhos uma bruta manchete na página de rádio: “Gaúcha transmite direto para Hollywood”. Aí sabei: eles vão descobrir toda a minha picaretagem e eu vou ficar desmoralizado! Por sorte ninguém falou no assunto, não mexeram na coisa e a coisa passou como fato consumado. O blefe tinha sido bem preparado¹⁹.

Dessa forma, com poucos recursos financeiros, restava ao diretor artístico improvisar programas, criar atrações novas. E dentre as iniciativas, promoveu um grande concurso de cantores para revelar talentos. Assim, havia a oportunidade de fazer uma programação

¹⁷ Apresentador do programa de rádio *2001*, da Rádio Guaíba de Porto Alegre, já referido.

¹⁸ 2001. Porto Alegre: Rádio Guaíba AM, setembro de 1972 (programa de rádio).

¹⁹ Idem.



movimentada e muito barata, pois não se pagava nada aos calouros. Desse concurso surgiram nomes que ficaram para a música popular brasileira, como Romeu Silva, Cândida Linhares e Léo Romano. A estratégia era para driblar a crise por que passava a emissora.

Era uma época de intensa movimentação no cenário radiofônico nacional. Em meio aos episódios de improviso, de construção de um rádio lúdico, informativo e atraente, arte e cultura se faziam presentes. Mas não da forma como apareciam nos primeiros anos desse meio de comunicação. No início, a arte lírica tinha espaço privilegiado, e a Gaúcha acompanhava os eventos dessa natureza, como lembraram os irmãos Ruschel. Os microfones da emissora traziam aos ouvintes importantes peças executadas em Porto Alegre, no centenário Theatro São Pedro. Também era freqüente a Gaúcha irradiar comemorações nas quais havia momentos de arte – como aniversários de pessoas da sociedade que tinham ligação com a direção da emissora.

A viúva de Nilo, Carmen Alves Ruschel, lembra das vezes em que vinham artistas do Rio, de São Paulo, e cantavam na rádio. “A turma toda ia, depois, jantar. E o dono do bar, do restaurante, fechava o local e ficávamos nós tendo apresentações exclusivas, se eram cantores, cantavam, se eram músicos, faziam recitais ²⁰”. Carmen conta que, após o expediente, era comum irem tomar chope no chalé da Praça XV de Novembro, no centro da cidade, reduto da boêmia da época. Lá se formava a roda de amigos, que incluía Athos Damasceno Ferreira, Ovídio Chaves, Nelson Lança²¹, Theodomiro Tostes, Olavo Guedes, noite adentro contando histórias e rascunhando poemas nos guardanapos de papel, falando em rádio, em cinema e em política, “brindando a vida”. Carmen se orgulha do marido que acompanhou sempre, até nos momentos pioneiros do rádio. Ela passava horas vendo Nilo falar àquele aparelho mágico, sua voz quebrando o silêncio do estúdio, emoldurado pelas cortinas de veludo vermelho. Chegava a alcançar discos para ele, uma vez que Nilo também operava, além de fazer a locução. Figura bonita, vaidoso, cabelo engomado e bigodinho, Nilo exibia terno e gravata elegantes, polainas impecáveis, modos educados de se dirigir a todos. Um tipo característico do galã de então, atraindo os olhares femininos e o ciúme, natural, da esposa.

²⁰ RUSCHEL, Carmen Alves. Entrevista pessoal à autora em 02 de março de 2003.

²¹ Em alguns registros encontra-se Lanza.

Levei cinco anos de folia, acompanhando o Nilo na rádio. Só depois decidimos constituir família. Se fosse televisão, eu teria perdido o marido, por causa do assédio das fãs. Mas como elas não viam [o Nilo]– elas ouviam –, tive muita sorte²².

Nilo acabou saindo da Gaúcha, em 1937, para novos desafios, na mídia impressa local. Mas retornou à emissora, como diretor, em 1942, chamado com a incumbência de renovar o *cast* e enxugar as despesas. Colocou como imposição que ele próprio pudesse escolher quem demitir. E foi uma tarefa nada fácil. Nilo se deparou com um menino, de uns 16 ou 17 anos, com muita agilidade e entusiasmo, “(...) apavorado com aquele camarada que chegava lá com a missão de fazer ‘uma limpa’ no quadro de funcionários”²³. Era Heron Domingues, que mais tarde seria o famoso locutor do Repórter Esso, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

(...) o Heron andava que era um azougue lá por dentro. Mas tinha uma inflexão de voz horrível. Ele ia ao microfone, mas terminava cada frase dando uma queda de voz, era um vício de linguagem que ele não podia afastar. Outro locutor era o Prates de Figueiredo, que já tinha sido locutor na Rádio Gaúcha. Tipo alto, muito faceiro, a melhor voz de microfone que encontrei até hoje, um timbre maravilhoso, mas ele tinha certos defeitos também de dicção que não se corrigiam. (...) Então (...) eu disse ao Heron o seguinte: “- Olha está acontecendo qualquer coisa no Instituto de Educação. Vai lá, recolhe a notícia e traz pra cá. Vamos ver se tens condições de ficar na rádio”. Esse rapaz foi, assim, como fuzilico, saiu disparando e, em vinte minutos, estava de volta, pôs o papel na máquina, começou a bater a notícia diretamente na máquina (...)”²⁴.

A reportagem de Heron estava muito boa. Nilo comunicou ao jovem que o manteria no quadro da emissora. Mas impôs uma condição: iria treiná-lo, juntamente com Prates de Figueiredo, para aprimorar a locução.

E à falta de uma gravadora – naquele tempo não se usava gravadora –, eu me sentava com (...) um de cada lado, e (...), com o lápis, eu ia batendo na mesa ao passo que eles iam cometendo aqueles erros de dicção, aqueles vícios de dicção. E com isso eu levei dias e dias e dias treinando o Heron Domingues e (...) o Prates de Figueiredo²⁵.

²² Idem.

²³ 2001. Op. Cit.

²⁴ Idem.

²⁵ Idem.



O espírito de “mestre” de Nilo Ruschel foi colocado em prática, novamente, nos anos 50, quando da fundação dos cursos de Jornalismo no Rio Grande do Sul. Nilo assumiu como professor catedrático de Radiojornalismo, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1952, e professor titular da mesma disciplina na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 1955. Sua vivência pioneira, associada com o espírito crítico e aos ideais que fortemente sustentava, traduzia-se em uma dedicação especial à partilha de conhecimentos sobre o meio radiofônico. Através das universidades, Nilo viajou pelo mundo, em busca de retratos da radiodifusão que servissem de modelo para aprimorar os usos do veículo no Brasil. Em especial, se deteve no potencial educativo do rádio, trazendo exemplos de outros países, contribuindo para ações em nível regional e nacional. Em 1951, integrou a comissão que criaria a Rádio da Universidade (Ufrgs, 1080 AM), inaugurada oficialmente em 1957. Em 1966, participou do grupo fundador da Feplam, Fundação Educacional Padre Landell de Moura²⁶ – entidade da qual foi vice-presidente, cujo fim primeiro seria o investimento na educação a distância, principalmente através do rádio.

Além da paixão pelo rádio, Nilo sempre manifestou seu amor, declarado, pelas “coisas” de Porto Alegre e do estado; a abordagem de tais temas e a luta pela defesa do patrimônio histórico e em prol do turismo fizeram parte de seu repertório no rádio, na mídia impressa e na vida pública. A partir de 1937, se dedicou aos jornais gaúchos, tendo exercido as atividades de redator, repórter, editorialista e cronista nos jornais Diário de Notícias, Folha da Tarde e Correio do Povo. Neste último periódico, de suas crônicas no “Caderno de Sábado” se originaria o livro *Rua da Praia*²⁷, impregnado de seu espírito de repórter, com uma riqueza de detalhes dos tipos e fatos relacionados à história de uma das principais ruas do centro de Porto Alegre. Na seqüência, ingressaria na função pública, como assessor dos prefeitos José Loureiro da Silva, em 1939, e Telmo Thompson Flores, em 1969. A vida política incluiu o exercício de mandato como suplente de deputado estadual, em 1949, e a organização e presidência do Conselho Municipal de Turismo, no início dos anos 50. Em 1961, lançou outro livro, *O Gaúcho a Pé*²⁸, colocando em suas páginas um retrato sensível e

²⁶ Pe. Roberto Landell de Moura, gaúcho de Porto Alegre, foi pioneiro do rádio, obtendo êxito na transmissão da palavra a distância sem fios antes mesmo de Guglielmo Marconi – que acabou sendo considerado “pai do rádio. Landell, três anos antes do cientista italiano, em 1893, fazia, com sucesso, sua transmissão, em São Paulo.

²⁷ RUSCHEL, Nilo. Op. Cit.

²⁸ RUSCHEL, Nilo. *O Gaúcho a Pé*. Porto Alegre: Sulina, 1960.



sincero de sua visão a respeito das transformações por que passava o Estado com a “febre” do trigo e a substituição do gaúcho a cavalo pelo maquinário invadindo os campos.

O coração levou cedo o homem apaixonado pelo rádio e pelo Rio Grande, vítima de um aneurisma, no veraneio de 1975. Aos 64 anos, Nilo Ruschel partia, deixando para as gerações um exemplo de vida. Até o último de seus dias colaborava como cronista semanal do Correio do Povo, materializando no papel o que os olhos e a sensibilidade captavam dos cenários, fatos e personagens do cotidiano gaúcho. Por onde andava, suas letrinhas miúdas enchiam as pequenas cadernetas de notas, testemunhas de um repórter pela vida toda. Será que Nilo chegou a pensar que uma de suas netas estaria, 28 anos após sua morte, contando sua história e suas estórias? O fato é que, do velho baú de lembranças – aqueles caixotes pretos que transportavam os pertences da família nas viagens de navio –, saíram documentos do passado, recortes de jornais, fotografias, fragmentos que ajudam a narrar e entender quem foi Nilo Ruschel. Um homem que, ao ser entrevistado, em 1970, afirmou sentir saudade de tudo o que viveu no meio radiofônico: “Rádio bom era aquele dos primeiros tempos”²⁹.

Bibliografia

- DUVAL, Adriana Ruschel. *Pequenos Notáveis: rádio e Carmen Miranda no Brasil* (dissertação de Mestrado). Porto Alegre: FAMECOS/PUCRS, 1999.
- FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40)*. Canoas: Ed. da Ulbra, 2002.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. *Metrópole em sinfonia: história, cultura e música popular na São Paulo dos anos 30*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, 1980-1982.
- RUSCHEL, Carmen Alves. Entrevista pessoal à autora em 02 de março de 2003.
- RUSCHEL, Nilo. *Canções de luz e sombra*. Porto Alegre, 1935.
- RUSCHEL, Nilo. *O Gaúcho a Pé*. Porto Alegre: Sulina, 1960.
- RUSCHEL, Nilo. *Rua da Praia*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1971.

Periódicos

Folha da Tarde. Porto Alegre, 26/07/1937.

Folha da Tarde. Porto Alegre, 26/09/1970.

Programas de rádio

2001. Porto Alegre: Rádio Guaíba AM, setembro de 1972 (programa de rádio).

Ruas da Cidade. Porto Alegre: Rádio Gaúcha, 09/11/1937 (programa de rádio).

²⁹ Título da matéria publicada na Folha da Tarde. Porto Alegre, 26/09/1970, p. 32.